

Apresentação

Estudos acadêmicos sobre o Poliamor

Vania Sandeleia Vaz da Silva¹

O desafio assumido com esta edição da revista TEMPO DA CIÊNCIA é mostrar que as Ciências Sociais podem contribuir para entender e explicar como as pessoas estão pensando e vivendo o “amor” na contemporaneidade, explicitando que emoções e sentimentos não são “naturais” e que suas consequências são sociais, culturais e políticas. Diante da visibilidade midiática do *poliamor* convidamos pessoas que já desenvolveram pesquisas acadêmicas rigorosas do ponto de vista teórico e metodológico a respeito do tema – que resultaram em dissertações de mestrado e teses de doutorado – para contribuírem com suas reflexões e problematizações de modo a abrir um debate acadêmico a respeito deste tipo não exclusivo de “amor”.

Abordar seriamente o *poliamor*, “muitos amores”² – seja como arranjo afetivo, subjetividade, identidade, movimento contra a monogamia, contra a heterocisnormatividade, contra todas as imposições sociais, culturais e políticas que visam enquadrar sentimentos que nos parecem tão singulares – ainda soa um tanto absurdo no Brasil. Diante de tantos problemas econômicos, sociais e políticos parece um despropósito estudar as “emoções” e, mais do que isso, analisar seriamente um modo de “ser” e de viver o “amor” que coloca as principais características do “amor romântico” e do “casamento monogâmico” em questão – a exclusividade afetiva e sexual; a possessividade que gera o ciúme; e a suposta “eternidade” do sentimento.

Porém, como grande parte dos autores clássicos das Ciências Sociais – e dos filósofos que os precederam – mostraram em suas obras, as pessoas constroem suas vidas não apenas buscando satisfazer as necessidades do “estômago”, mas também as da “fantasia”, e, basta acessar as estatísticas a respeito dos transtornos “emocionais” e também dos crimes “passionais” para lembrar que não é apenas a fome, a sede e o frio que nos movem a trabalhar, estudar e construir (ou destruir) “coisas” e relações. Claro que o tempo que cada pessoa dedica para buscar a satisfação de desejos e “necessidades” afetivas costuma estar relacionado com sua situação de classe – além de outros constrangimentos estruturais como gênero, cor e religião.

Contudo, parece cada vez mais evidente que “emoções” e “sentimentos” constituem aspectos fundamentais para entendermos que tipo de sociedade estamos construindo, dado que já percebemos que a resposta não virá dos céus, nem das ideologias e muito menos da imposição de normas supostamente baseadas na “natureza” – ou leis universais e eternas que bastaria conhecer e seguir. Nossa responsabilidade na construção ou “invenção” da nossa

¹ Doutora (e mestre) em Ciência Política pela Universidade de São Paulo; graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná; professora de Ciência Política no curso de Ciências Sociais e no mestrado em Ciências Sociais na Unioeste, Campus de Toledo. E-mail: vaniasandeleiavazdasilva@yahoo.com

² A palavra *poliamor* é formada por uma parte grega – *poli*, que significa “muitos”; e outra latina – *amor*, cujo significado é difícil definir (uma busca com a palavra “amor” na ferramenta *google* gera 1.260.000.000 resultados; para “poliamor” são 499.000; e para o termo em inglês “*polyamory*”, aparecem 2.760.000 resultados).

subjetividade e das nossas relações permite – ou mesmo exige – que coloquemos em “questão” os modos de ser e viver que nos foram transmitidos pela tradição social, cultural e política. O poliamor é uma das formas de repensar quem somos e como queremos nos relacionar com os outros.

O primeiro artigo – *Amores plurais situados - Para uma meta-narrativa socio-histórica do poliamor* – de autoria de Daniel dos Santos Cardoso, apresenta uma reflexão avançada sobre o poliamor, resultado de anos de dedicação ao tema, que o autor vem aprofundando desde a pesquisa de mestrado, que resultou na sua dissertação – *Amando vári@s - Individualização, redes, ética e poliamor* (2010), um dos trabalhos mais citados entre os demais pesquisadores, e talvez o mais completo disponível em língua portuguesa, além de diversos artigos publicados em que aborda vários aspectos relacionados ao poliamor que possibilitam o acesso à bibliografia especializada internacional sobre as não-monogâmias consensuais (a maioria só disponível em inglês).

Cardoso explica que o poliamor pode ser pensado como um tipo de prática íntima, orientação relacional ou comonexo de ação social e política, cuja suposição básica é que seria “possível, válido e valioso” estar aberto a estabelecer e manter “relações íntimas, sexuais e/ou amorosas com mais do que uma pessoa” desde que exista “o consentimento informado de todas as partes”, quer dizer, desde que todas as pessoas envolvidas tenham o conhecimento de que estão engajando nesse tipo de relação não exclusiva do ponto de vista afetivo e sexual, e tenham condições de consentir – possuam conhecimento de si e autonomia ou liberdade para tomar essa decisão: tais aspectos são cruciais para diferenciar o poliamor de outros arranjos.

Partindo de um conjunto de reflexões teóricas e sócio-históricas e de uma vasta literatura de autoajuda sobre poliamor, Cardoso busca compreender três “condições” que explicam a emergência e rápida visibilização do poliamor como formato distinto de não-monogamia consensual na sociedade ocidental contemporânea: (1) a individualização; (2) a sexualização; e (3) a psicologização. Aborda a ligação entre o poliamor e as estruturas neoliberais de subjetivação, importante para entender os movimentos sociais emergentes, e, ainda, reconhece a hegemonia da anglo-esfera no debate e produção científica, mas aponta para a resistência que os outros discursos críticos sobre as não-monogâmias consensuais tem buscado desempenhar.

O segundo artigo – *“Ninguém deveria se preocupar se o parceiro transa com outra pessoa”: Uma análise da militância não-monogâmica de Regina Navarro Lins*” – foi escrito pelo antropólogo brasileiro Antonio Cerdeira Pilão, que pesquisou os discursos de praticantes brasileiros do poliamor, resultando na sua dissertação de mestrado – *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero* (2012); e na tese de doutorado, *Por que somente um amor?»: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil* (2017), em que mostra como o poliamor, surgido nos Estados Unidos, foi ressignificado no país, tanto pelos praticantes como por pessoas ligadas a movimentos – feministas, feministas negras, LGBTs, bissexuais – Estado, juristas, mídia e intelectuais.

Pilão explica que o termo “poliamor” foi criado nos Estados Unidos na década de 1990 para se referir à “possibilidade de estabelecer múltiplos vínculos afetivos e sexuais de forma concomitante, consensual e igualitária” e que sua visibilidade no Brasil – em 2007 – esteve associada com a publicação de uma nova edição do livro *A cama na varanda* de Regina Navarro Lins, que seria a “principal figura pública” a introduzir o “poliamor” por aqui. Ela já criticava a monogamia e a exigência de exclusividade sexual e afetiva, defendendo a autonomia individual e a possibilidade – e recorrência – de se amar duas pessoas ao mesmo tempo, enquadrando o ciúme como falta de autoestima e de confiança na validade das relações estabelecidas.

No artigo, Pilão mostra a disputa “moral” travada em torno da “monogamia” e do “poliamor” a partir da análise da trajetória e da atuação pública de Regina Navarro Lins – considerando seu livro “*A cama na varanda*”, o blog no UOL, a página no Facebook, e suas matérias publicadas no “Jornal do Brasil” (ou que fazem referência a ela) e realizando entrevistas com lideranças da Rede de Relações Livres. Mostra que tipo de saberes foram “(re)produzidos” nos discursos de Lins e quais consequências tiveram para os movimentos não-monogâmicos e para a construção de um debate público sobre o tema no país. Diferente dos Estados Unidos, aqui a ênfase é na “liberdade” individual, o que gera muitos conflitos entre “poliamor” e “relações livres”.

O terceiro artigo – “*Um é pouco, dois é bom, três (ou mais) é demais? – processos de negociação em torno de (in)definições êmicas do poliamor*” – é de autoria do antropólogo brasileiro Matheus Gonçalves França, que pesquisou o poliamor em seu mestrado, resultando na dissertação – *Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF* (2016) em que analisa como praticantes de poliamor em Brasília pensam suas identidades e as relações entre monogamia e poliamor. Discute, a partir de sua etnografia, os processos de negociação e disputa em torno das diversas definições “êmicas” da ideia de “poliamor”, que envolvem discussões *online* e presenciais, analisando como os “praticantes” definem o “poliamor” nas suas interações.

França enfatiza o processo de discussão do conceito de “poliamor” como um dos elementos da “identidade” de seus sujeitos – mas no sentido de Stuart Hall, como algo, “estratégico, processual e posicional” e não como uma essência estática, unificada – e se concentra nas “indefinições” e relações que os sujeitos estabelecem entre poliamor e outras formas de não-monogâmias, analisando como essas pessoas “mobilizam seus sentimentos e suas emoções a partir dos processos de identificação que permitem que eles/as acionem subjetiva e discursivamente a noção de poliamor” pois, afirma, “uma das riquezas dos debates promovidos pelo grupo seria justamente a busca por definição desta forma de afetividade”.

Parte das formulações de Michel Foucault sobre o “cuidado de si”, entendendo que no grupo do Poliamor Brasília o cuidado consigo mesmo/a e a atenção voltada para a resolução de conflitos internos de “si” permitem uma construção subjetiva que se realiza a partir da busca por construir uma “definição” do que seria um poliamor “ideal”. É a partir do trabalho que as pessoas realizam “sobre si mesmas” ao constantemente elaborarem e reelaborarem “enunciados” e “práticas” em torno de possibilidades afetivas não-monogâmicas que a subjetividade poliamorosa vai sendo construída. Mais importante do que o resultado final – “uma” definição de poliamor – o foco é colocado no “processo” e seu efeito nos sujeitos.

O quarto artigo – *Poliamor: uma forma não convencional de amar* – foi escrito em parceria por Sandra Elisa de Assis Freire e Valdiney Veloso Gouveia, ambos com doutorado em Psicologia Social, sendo que Freire realizou uma minuciosa pesquisa sobre o poliamor que resultou na sua tese de doutorado (orientada por Gouveia) – *Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos* (2013), em que realiza uma profunda revisão bibliográfica, além de pesquisa empírica (qualitativa e quantitativa), analisando a recepção do poliamor como uma “possibilidade” alternativa de relacionamento e concluindo que nem sempre pessoas favoráveis à monogamia se mostram necessariamente “contrárias” ao poliamor.

No artigo, explicam que o poliamor – a prática de se envolver em múltiplas relações afetivas e sexuais com o consentimento das pessoas envolvidas – é um tipo de relacionamento não monogâmico, que, tal como outras formas de relações amorosas alternativas, permanece à margem da sociedade porque questiona o modo de união sexual legitimado na sociedade ocidental – a monogamia heteronormativa. O poliamor tem maior visibilidade nos Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido, sendo que no Brasil ainda são escassos os estudos. Assim, apresentam uma breve descrição da história e prática do

poliamor, partindo da revisão bibliográfica dos principais estudos realizados no âmbito acadêmico ou científico.

Mostram, portanto, como o amor – “o mais profundo dos sentimentos”, que ocupa uma posição de destaque nas artes e que parece ser “experimentado pela maioria das pessoas”, ainda que ocasionalmente – recebeu uma nova abordagem por parte dos praticantes, estudiosos e defensores do poliamor. A base ética do poliamor está pautada na “honestidade, negociação respeitosa e igualdade” pois presume que “todos os participantes estão cientes do caráter recíproco de seu relacionamento”, sobretudo, do seu potencial não monogâmico, ou não exclusivo, que exige ressignificar diversos “valores” e comportamentos: fidelidade, lealdade, confiança, dignidade, respeito, apoio mútuo, comunicação, negociação e não-possessividade.

O quinto artigo – *Poliamor: entre a institucionalização e a transgressão* – foi escrito por Tatiane Costa e Marcus César Belmino, que já publicaram juntos outro artigo sobre o tema: *Poliamor: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman* (2015), em que analisam os ideais amorosos da atualidade, partindo das visões de amor romântico e das distinções entre amor e amizade e entre amor e sexo do ponto de vista dos poliamoristas, tendo como interlocutor o pensamento de Paul Goodman – anarquista, crítico literário e teórico dos Estados Unidos dos anos 1960, ligado à “revolução sexual”. Abordam o poliamor como um dos tipos de relações afetivo-sexuais desafiadoras da norma monogâmica, ou seja, da exclusividade afetivo-sexual.

Apontam que o poliamor seria uma modalidade de relacionamento que permite a não exclusividade sexual, pois, o principal “consenso” a respeito do poliamor é que se trata da “prática de um relacionamento íntimo e sexual simultâneo com mais de uma pessoa, com concessão e conhecimento dos envolvidos” pois “os adeptos desta modalidade consideram possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo”, enfatizando que se trata de uma “escolha” que precisa ser “vivida e vista como tal” – quer dizer, a relação não pode ser uma imposição e nem “uma solução mágica aos problemas surgidos nas relações conjugais” monogâmicas, até porque “nessa forma de amar” existem “tantos ou mais desafios” do que na monogamia.

No artigo, enfatizam a discussão das diferenças entre a experiência poliamorosa e as relações monogâmicas tradicionais, ao investigarem como o “amor” foi compreendido no Ocidente – o “amor romântico” – e como a monogamia tornou-se a norma para o relacionamento amoroso – institucionalizada no casamento monogâmico. Explicam que essa institucionalização da sexualidade e sua normatização costuma figurar nos mais variados contextos da vida humana de modo que a experiência poliamorosa pode até romper com algumas dos “ditames sociais” em muitos aspectos – ao se afirmar como um novo modelo de relação afetivo-sexual não exclusivo – mas a liberdade nesse âmbito ainda possui um longo e conflituoso caminho.

O sexto artigo – *Michel Foucault e o Poliamor: cuidado de si, parresía e estética da existência* – escrito a partir de um debate sobre o tema do poliamor entre não “iniciados” – Vania Sandeleia Vaz da Silva, Geraldo Magella Neres e Rosangela da Silva – apresenta uma primeira reflexão sobre a bibliografia – basicamente os trabalhos acadêmicos dos autores e autoras desse dossiê – com o objetivo de analisar o “poliamor” como objeto de estudo das Ciências Sociais e discutir as possibilidades teóricas de enquadrar essa experiência de arranjo afetivo e subjetividade a partir de três noções que Michel Foucault recuperou dos seus estudos sobre a relação entre sujeito e verdade na antiguidade greco-romana: cuidado de si, parresía e estética da existência.

Enfatizamos que existem alguns aspectos do “poliamor” que o tornam um problema de pesquisa relevante para as Ciências Sociais: o desafio ao “amor romântico” e a sua ligação

com o “casamento monogâmico heteronormativo” (e ainda patriarcal), ao afirmar a possibilidade de “amar” efetivamente (e no sentido “erótico” ou “sexual”) mais de uma pessoa ao mesmo tempo, ressalta que nossos sentimentos são construções culturais com reflexos sociais e políticos (quando propõe que se deva assumir os múltiplos amores publicamente). O poliamor exige que nossas teorias sobre as “emoções” sejam reconsideradas e entendemos que as noções foucaultianas podem fornecer um bom ponto de partida para essa reconsideração.

O artigo constitui uma apresentação do “objeto” e das questões que tem incentivado nosso debate a respeito do “Amor em Rede”, pois, o *poliamor* tem como uma de suas principais características ter sido “criado” ou “inventado” no contexto da existência da Internet, que permite a troca de informações e pensamentos a respeito dos vários aspectos da vida, inclusive do “amor”. Problematizamos se seria adequado considerar que as pessoas que “escolhem” o poliamor exerceriam mais “cuidado de si” – para se perceberem amando mais de uma pessoa ao mesmo tempo; “parresia” – ao assumirem para si e para seus amores os novos sentimentos; constituindo assim o “poliamor” uma possível “estética da existência” na atualidade.

Lidos em conjunto, os seis artigos permitem uma introdução bastante completa à temática do poliamor, mostrando que o modo como experimentamos a emoção chamada de “amor” – com os vários significados possíveis – pode gerar mais de um tipo de “arranjo afetivo” ou modelo de relacionamento que se aproxima ou se afasta da monogamia; que visa substituir ou se apresentar como “opção” ao casamento monogâmico – que ainda é hegemônico, mas que já não pode mais ser considerado a única opção para viver o “amor”. Além disso, mostram que a relação entre os agentes – sujeitos, indivíduos, pessoas – e as estruturas – a sociedade, os constrangimentos sociais, culturais, políticos e ideológicos – é complexa e conflituosa.

Cabe ressaltar que a forma como a maioria vive o “amor” atualmente (entendendo que só se ama uma pessoa de cada vez e que esse sentimento “surge” espontaneamente de modo quase sobrenatural e sem interferência da “vontade” ou “consciência” das pessoas envolvidas) embora tenha sido valorizada moralmente e transformada em uma norma (a monogamia) que foi institucionalizada em um arranjo afetivo (o casamento monogâmico) não é a única maneira de “amar” e nunca funcionou exatamente como o “ideal” (basta lembrar que a prostituição e a infidelidade sempre funcionaram como complementos do modelo hegemônico de casamento baseado no amor romântico, exclusivo, possessivo e, em alguns casos, “eterno”).

O argumento básico do “poliamor” é que existe a possibilidade de amar mais de uma pessoa simultaneamente e que um novo amor não inviabiliza o antigo, pois seria viável se relacionar publicamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo de modo honesto e responsável. Ao tomar contato com a proposta do poliamor, uma postura interessante seria a descrita por Robert Musil como “senso de possibilidade” que constitui a “capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser, e não julgar que aquilo que é seja mais importante do que aquilo que não é” (MUSIL, 2006, p. 34). Embora o poliamor não seja uma “realidade” hegemônica, tem sido experimentado e não existem impedimentos “lógicos” para que possa se consolidar.

Referências

- CARDOSO, Daniel. (2010). **Amando vári@s: individualização, redes, ética e poliamor.** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- COSTA, Tatiane; BELMINO, Marcus Cézar. “Poliamor: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman”. **Revista IGT na Rede**, v. 12, nº 23, 2015. p. 411 – 429. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>.
- FRANÇA, Matheus Gonçalves. **Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2016.
- FREIRE, Sandra Elisa de Assis. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, 2013.
- MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- PILÃO, Antonio Cerdeira. **“Por que somente um amor?”: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil.** (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- PILÃO, Antonio Cerdeira. **Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.